

A pátria dos surdos

The homeland of deaf people

José Afonso Baptista¹

¹ Universidade Católica Portuguesa, Jab2437@gmail.com

Palavras-chave

Surdos; Educação; Língua Gestual

Resumo

A *Pátria dos Surdos* procura identificar e descrever o caminho mais apropriado – na família, na escola e na sociedade – para este grupo minoritário, com especial enfoque na sua educação e formação. Para atingir este objetivo fomos ao encontro de comunidades e de pessoas surdas, observando-as no seu meio natural e apresentando-as através de narrativas que permitem retratar e descrever os seus modos de vida e os seus percursos escolares e profissionais. Relativamente às comunidades, o foco foi posto nas línguas gestuais como elo de ligação e de inclusão; relativamente às pessoas surdas, procuramos ver os níveis académicos e as carreiras profissionais atingidos antes e depois da emergência das línguas gestuais. Os resultados mostram que os surdos não educados nas línguas gestuais raramente vão além do ensino primário, enquanto os educados nas línguas gestuais chegam com facilidade ao ensino superior, obtêm títulos académicos ao mais alto nível e entram em carreiras e profissões de alto prestígio. As línguas gestuais constituem assim um marco histórico que delimita um antes e um depois, operando o “milagre” da transformação dos “deficientes auditivos” em pessoas normais. Convivendo simultaneamente com dois mundos – surdo e ouvinte – os surdos estão “condenados” a ser bilingues “compulsivos”, apropriando a Língua Gestual como língua natural e a Língua Portuguesa como segunda língua. No contexto atual, o modelo bilingue é o caminho a seguir. “A minha pátria é a Língua Portuguesa”, escreveu Fernando Pessoa. A pátria dos Surdos é a Língua Gestual.

Keywords

Deaf; Education; Sign Language

Abstract

The *Homeland of Deaf People* aims to identify and describe the most appropriate route for this minority group – within the family, in school and in society. Our strategy consisted in observing deaf communities and deaf people in their own environment and professional context. The true life of deaf communities and deaf people is presented through several narratives painting the portrait of their way of life, their academic levels and their professional careers. In natural communities of deaf people with sign languages as their natural languages, we focused on the conscience of deafness itself and as a reason for inclusion/exclusion; from deaf people, we collected information about academic levels and careers before and after the advent of sign languages. The results demonstrate that deaf people educated in oral languages rarely attain levels beyond primary school, whereas their peers having sign language as their natural language and schools where signing is the teaching and learning language, easily get higher academic levels and have prestigious careers. The emergence of sign languages represents a historical framework signaling the before and the after of the “miracle” that transformed hearing handicapped, unable to speak and communicate, into people perfectly integrated in their community. The natural language of deaf people is sign language, the only accessible in the early years. However, living in a society that is mainly made of hearing people, they need and must learn the language of this majority. Being the written language visual, it is, therefore, accessible to this minority group. Fernando Pessoa stated: “my homeland is the Portuguese Language”. The homeland of deaf people is Sign Language.

Introdução

As representações sociais dos surdos, ao longo dos séculos, refletem retratos muito negativos e chocantes, ao ponto de se verem excluídos da sua condição humana. Os surdos serão mesmo inteligentes, questiona-se Baptista (p. 101)¹:

“Desde a mais remota antiguidade, são abundantes os testemunhos de extermínio, esterilização, rejeição, abandono, discriminação, internamento forçado em hospícios e hospitais psiquiátricos, [...] misturados com criminosos, psicopatas, atrasados e dementes mentais, sob o rótulo genérico de ‘anormais’ ou ‘deficientes’.”

Esta imagem negativa explica porque é que foram excluídos das escolas públicas até ao último quartel do século passado. Os estudos realizados em todo o mundo², nomeadamente em Portugal³, mostram que os resultados escolares dos alunos surdos são sempre decepcionantes, revelando atrasos sistemáticos em relação aos ouvintes, mesmo quando implantados⁴. Os alunos surdos raramente passavam do ensino primário⁵, sendo frequente a identificação de adolescentes até aos 15/16 anos ainda no pré-escolar e de jovens com 18 anos no ensino primário. Já no novo milénio, Jorge & Ferreira (335-357)⁶ mostram que num universo de 40 mil estudantes do Ensino Superior apenas foram identificados 6 alunos surdos. Todos estes estudos têm um denominador comum: referem-se a crianças e jovens surdos educados na língua oral, falada e escrita.

Recentemente começou a surgir uma nova geração de estudantes surdos no ensino superior, que obtiveram títulos académicos ao mais alto nível, que lhes deram acesso a profissões e cargos de grande prestígio. Em Portugal, várias instituições de ensino superior (ESE de Coimbra, Setúbal e Porto; Universidade Católica Portuguesa, Universidade do Porto e Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa) abriram cursos para surdos com um elevado número de alunos. Como se explica esta viragem?

O campo teórico sobre a surdez e a educação dos surdos evoluiu muito desde a década de sessenta do século passado, beneficiando dos progressos da investigação nas ciências da linguagem e nas neurociências. A descoberta das línguas gestuais, ou de sinais, como línguas naturais, e os estudos sobre a neurobiologia dos surdos, mostrando que o cérebro dos surdos tem as mesmas aptidões que o dos ouvintes para a comunicação e a linguagem, no

quadro das diferenças sensoriais, permitiu clarificar o sentido da educação dos surdos na sua língua natural, a língua gestual.

Contudo, uma significativa convergência no campo teórico nem sempre se reflete nas práticas dos vários países e no interior de cada país. Subsistem preconceitos sobre os surdos, os pais ouvintes nem sempre estão informados para aceitar a educação dos filhos surdos numa língua diferente da sua e muitos profissionais da surdez sentem ameaçados os seus interesses. Algumas escolas e alguns professores, por falta de experiência, continuam mais orientados para práticas ultrapassadas.

É preciso combater a ignorância de muitos, a formação inadequada de alguns e a hipocrisia de outros. Mas não basta inundar as mentes de informação, de teorias e muito menos de opiniões. Um olhar sobre os surdos e as suas práticas permitirá questionar os resultados da investigação e facilitar a compreensão dos seus fracassos e sucessos. O conhecimento e observação de comunidades e de pessoas surdas na sua vida real poderão trazer alguma luz sobre este campo. É esse o objetivo deste trabalho.

Metodologia

O que pretendemos demonstrar é que a exclusão e o fracasso das pessoas surdas profundas e severas não é uma fatalidade inevitável ligada a uma deficiência insuperável.

A observação dos surdos educados num ambiente de língua gestual pode levar-nos a resultados bem diferentes. Neste trabalho pretendemos pôr em foco:

- a) O fator exclusão/inclusão dos surdos antes e depois das LG;
- b) O nível académico atingido pelos surdos antes e depois das LG;
- c) O sucesso/insucesso profissional dos surdos antes e depois das LG.

A resposta a estas questões permitirá tirar conclusões sobre a língua natural dos surdos. A metodologia, qualitativa, assenta na apresentação de narrativas e retratos de pessoas surdas com quem convivemos ao longo dos anos, antes e depois da emergência das línguas gestuais, e com alunos surdos com quem trabalhamos desde 1999.

O campo de estudo, muito amplo na cronologia e na geografia, abrange duas comunidades naturais de

surdos, quatro comunidades escolares de crianças, jovens e adultos surdos, com um olhar mais atento sobre dez pessoas surdas dessas comunidades, e ainda uma cadela surda profunda.

Da leitura destas narrativas e dos “retratos” aí apresentados, é fácil observar e recolher dados muito objetivos sobre as pessoas surdas e os seus comportamentos, os níveis de escolaridade e as carreiras profissionais, antes e depois da emergência das LG.

Trata-se de colocar o leitor perante factos reais, comunidades e pessoas vivas, que revelam por si os resultados e as conclusões deste trabalho.

A exclusão dos surdos anteriores às línguas gestuais

O Chico Mouco

O Chico Mouco, como era conhecido na aldeia, teria os seus quarenta anos quando eu era criança de escola primária. Homem maduro, hábitos e costumes conformes com as outras pessoas, autónomo em termos de subsistência, sem guerras com a vizinhança, tinha a sua casa, a sua horta, os seus animais, tudo o que lhe garantia o sustento básico, mas para além disso, quando podia, trabalhava como assalariado rural.

Nos contactos e interações que mantive pessoalmente com o Chico Mouco, pude verificar que falava bem, articulava bem as palavras, num tom de voz sempre baixo e rouco, mas perfeitamente perceptível. Aproximava-se muito do interlocutor de modo a poder ver bem os movimentos dos seus lábios e conseguia perceber com facilidade o essencial da mensagem. Hoje tudo é muito claro: O Chico Mouco nasceu ouvinte, aprendeu a falar e ficou surdo antes da escola primária, que já não pôde frequentar. Conhecia bem, na prática, as estruturas sonoras e significativas das palavras. Se tivesse nascido surdo profundo dificilmente poderia falar e sobretudo não conseguiria articular e pronunciar os sons corretamente.

A primeira nota de relevo tem a ver com o seu estado civil. Era o único solteirão da aldeia. Todos os outros homens encontraram uma companheira, pobres, pelintras e bêbados, mas o Chico Mouco ficou condenado à solidão para toda a vida.

O problema do Chico Mouco nem era essencialmente uma questão de relação com os outros. Podia falar perfeitamente e até compreender comu-

nicções próximas frente a frente, o que não podia era manter uma relação normal de comunicação sem os olhos. Está aí a sua “deficiência” e o seu estigma. Todos os indicadores de normalidade, de autonomia e de autossuficiência submergem perante este facto irrevogável: é surdo, e se Deus o tornou surdo, lá terá as suas razões.

Coitado do Chico Mouco. Tanto quanto pude observar, era boa pessoa. O que não o impediu de ser excluído e de viver na solidão. Mais do que uma questão de relação era uma questão de preconceito, que parece manter uma boa relação de causa e efeito com a exclusão.

A Maria José

A Zezita, como era conhecida em família, também nasceu ouvinte e ficou surda aos três anos. Irmã de um familiar próximo por afinidade, encontrávamo-nos com frequência, especialmente em férias e nas festas e encontros de família.

Nascida numa família de bons recursos materiais e culturais, pôde frequentar um colégio privado onde concluiu o ensino primário. Aos três anos, já tinha apropriado e interiorizado a estrutura da língua falada e por isso conseguiu aprender com facilidade a ler e a escrever uma língua que falava com eficiência.

Ler, escrever, estudar as matérias escolares, tudo isto estava ao seu alcance. O problema surgiu quando no programa apareceram as línguas estrangeiras, com uma estrutura fonética e fonológica inacessíveis para um surdo profundo, que a Zezita não conseguiu apropriar. A rigidez e irracionalidade das leis impediram-na de continuar a aprender o que podia aprender, por não poder aprender o que não estava ao seu alcance. Podia estudar História, Geografia, Física, Arte, Desenho, tudo... menos novas línguas faladas, mas sem novas línguas teve de parar, foi impedida de prosseguir.

Ficou solteira e sem emprego. Sem emprego, entende-se, era de boas famílias, tinha recursos e pôde viver bem sem se sujeitar a empregos sem prestígio e salário baixo. Mas a Zezita que conheci na sua juventude, tinha todos os atributos para poder casar e ser feliz. Era mesmo bonita e atraente; tinha um património considerável e apelativo; falava bem, articulava como qualquer ouvinte, fazia leitura labial com facilidade, era fácil comunicar com ela. Reunia todos os requisitos, *mas era surda* e por isso ficou solteira.

A sua relação com o outro estava limitada, condicionada, comprometida e sobretudo envenenada por preconceitos. Como em tantos outros casos, a surdez não é um problema da fala e de comunicação, é um problema de preconceito e, como consequência, de exclusão. Com que facilidade nos excluímos uns aos outros, por razões que a razão desconhece!...

A Djeva nunca foi excluída

Um belo dia, a Filipa, ainda adolescente, chegou a casa com uma grande surpresa: trazia nas palmas das mãos uma cadelinha dálmata, recém-nascida, que fez o deslumbramento dela e dos irmãos. O pai não gostou, mas calou. Não tinha certezas das vantagens ou inconvenientes para o crescimento afetivo dos filhos.

Chamaram-lhe *Devushka*, em russo “menina”, sabe-se lá onde aprenderam tal coisa. A verdade é que o seu nome oficial acabou por ficar “Zé Busca”, porque a senhora que lhe fez o registo nos serviços municipais não percebeu a palavra russa e transformou uma aristocrática cadelinha num anónimo cachorro de rua. Em família ficou simplesmente a *Djeva*.

Cedo verificámos e confirmámos que a *Djeva* era surda profunda, provavelmente congénita. Podíamos assobiar e gritar em altos berros que nunca reagia ao som. Foi o terceiro surdo que conheci, neste caso surda.

Para além da perfeita integração na família que a adotou e da relação afetiva que estabeleceu com cada um dos seus membros, especialmente com a Catarina, que a acompanhou até ao fim dos seus dias, manteve com os machos da sua espécie uma relação dentro de toda a normalidade, sem qualquer atitude de rejeição ou de exclusão. Teve duas ninhadas de cachorrinhos, quase duas dezenas, e só não teve mais porque isso não seria compatível com a logística familiar. Os filhos devem ser desejados e ter condições para um acolhimento afetivo perfeito. Dos cachorrinhos da *Djeva*, ficámos com dois, o *Mike* e a *Mancha*, ambos ouvintes. Os outros foram oferecidos e acolhidos por familiares e amigos.

Em termos de desenvolvimento cognitivo, a *Djeva* interiorizou com facilidade a linguagem gestual que nos permitia interagir com ela: deita-te, levanta-te, sai daí, vem cá, enfim, tudo o que exigia o convívio diário. Fora de casa nunca nos perdia de vista. Os olhos eram os seus ouvidos.

Ao contrário dos filhos ouvintes, que nos passeios em Vale de Canas^a desapareciam a perder de vista, a *Djeva* tinha sempre o cuidado de ficar visível de modo a poder perceber os nossos movimentos e aproximava-se logo que lhe fazíamos um sinal.

Mas os seus dotes iam muito para além desta sinalética visual: sabia quando era sábado, o dia do passeio a Vale de Canas. Logo pela manhã, deitava-se junto à saída com o nariz encostado à porta. Vivendo num terceiro andar, sabia o momento em que o dono chegava à garagem, no rés do chão distante ao fundo do prédio. Levantava-se agitada e ladrava junto à porta até a abrirem, descia as escadas e corria até ao dono.

O seu cérebro parecia um relógio e tinha percepções que pareciam ultrapassar o sentido natural do faro canino. Tinha uma inteligência e um dom afetivo e relacional que lhe permitiam perceber os movimentos e a aproximação das pessoas sem as poder ver e a uma distância que pareceria inacessível ao faro. A *Djeva* era surda mas não era estúpida. Se podemos observar esta verdade numa cadela, talvez possamos percebê-la melhor numa pessoa.

Com a *Djeva* aprendi que os cães são bem mais humanos do que os próprios homens, que excluem os surdos da sua espécie; em segundo lugar, vi que a surdez não impediu que a *Djeva* fosse uma cadela inteligente, revelando capacidades e competências invulgares. Sem a *Djeva*, não teria adquirido uma consciência tão profunda destas duas realidades, determinantes na minha relação pessoal e profissional com muitas pessoas surdas. Os surdos são mesmo inteligentes? Esta cadela dálmata responde com clareza.

O Chico Mouco e a Zezita, sendo inteligentes, ficaram solteiros, foram excluídos nas respetivas comunidades. Eram surdos, num tempo e num contexto em que não havia línguas gestuais. Ao invés, a *Djeva* nunca foi rejeitada nem na família nem pelos cães que conheceu. Com a *Djeva* não criámos nenhum sinal para a palavra inclusão. Este nome só tem sentido quando se sofre de exclusão. Se não existe não precisamos de nomeá-la. Só tem nome o que existe e só existe entre os homens.

^a Parque natural nos arredores de Coimbra.

Comunidades naturais de surdos. Os povos surdos criaram as suas próprias línguas

Martha's Vineyard^b:

Aqui toda a gente falava a língua gestual é o título de uma obra de Nora Groce⁷, citada por Oliver Sacks (p. 49)⁸, que descreve uma situação real vivida naquela ilha durante 250 anos. Desde a chegada dos primeiros colonos a Martha's Vineyard, em 1690, difundiu-se uma forma de surdez hereditária, de tal modo que em meados do século XIX praticamente todas as famílias tinham surdos. A língua gestual era a língua comum de toda a população, surdos e ouvintes, e a surdez não tinha qualquer conotação que a ligasse a “deficiência”. Pelo contrário, Groce refere a excelência do ambiente humano que se vivia na ilha, sem a menor forma de discriminação. Ser surdo não tinha a menor importância. As exclusões que sofreram o Chico Mouco e a Zezita, atrás referidos, nunca se manifestaram em Martha's Vineyard, nem no amor, nem no casamento, nem no trabalho. A língua gestual, língua de toda a comunidade, subsistiu depois do desaparecimento do último surdo, em 1952, segundo o testemunho do próprio Sacks, após uma visita à ilha. Os habitantes ouvintes continuam a dominar a língua gestual e refere mesmo o depoimento de uma velha senhora de 90 anos que, parecendo “tricotar”, desenvolve os seus pensamentos e raciocínios em língua gestual. Sacks (p. 50) apresenta outras comunidades de surdos que desenvolveram as suas línguas gestuais. Refere uma aldeia isolada no Iucatã, México, onde uma comunidade de treze surdos adultos e um bebé, para além de familiares próximos em aldeias vizinhas, usa a língua gestual, compreensível por todos os surdos, mesmo os que se dispersaram por centenas de quilómetros e não têm contacto entre si.

El-Sayed

El-Sayed é uma povoação situada no deserto israelita de Negev que se tornou conhecida por ter a maior percentagem de pessoas surdas em todo o mundo. Por isso mesmo, a surdez não é sentida como uma deficiência. As pessoas nem sempre têm consciência de ser surdas. A comunidade de El-Sayed, atualmente com cerca de 4000 habitan-

tes, criou a sua própria língua, Al-Sayyid Bedouin Sign Language (ABSL), usada indiferentemente por surdos e ouvintes. É uma língua viva, criada *de novo*, observada e estudada por um conjunto de investigadores, onde se destacam Wendy Sandler, Irit Meir, Mark Aronoff e Carol Padden. Juntos e individualmente produziram já uma vasta literatura sobre línguas de sinais, nomeadamente a ABSL.

Segundo os referidos autores⁹, uma nova língua gestual pode emergir primeiro numa única família nuclear, alargando-se através de sucessivas gerações à medida que um gene recessivo da surdez se vai transmitindo de geração em geração. Foi o que aconteceu com a ABSL, que persistiu ao longo de quatro gerações. O que é interessante registar, tal como aconteceu em Martha's Vineyard, é o número de pessoas ouvintes que usa estas línguas. A ABSL é a língua da comunidade e as próprias crianças nascem e crescem na sua língua natural, sem o menor constrangimento.

O que importa salientar, como salienta Orquídea Coelho (p. 19)¹⁰, é que o povo beduíno aceitou a surdez como um facto natural, que não levanta a menor dificuldade nas suas vidas.

Analisando estas duas comunidades naturais de surdos, questiona-se: onde está aqui a deficiência? Os surdos são deficientes quando não ouvem, logo não falam, não comunicam, isolam-se porque não têm uma língua para comunicar. Mas a competência para comunicar existe tal como nos ouvintes, desde que exista uma língua acessível e essa língua é uma língua visual, de sinais, a língua gestual. Como afirma Coelho (p. 21), citando Skliar, “a Língua Gestual anula a deficiência”.

Comunidades escolares de surdos^c

Igualmente reveladora é a observação dos alunos nas comunidades escolares de surdos. Mesmo nas escolas de educação especial em que os gestos e a língua gestual eram proibidos e reprimidos, os surdos profundos, entre si, nunca usavam a língua falada. Este é um dado de experiência que eu próprio pude observar de forma continuada, no Instituto de Surdos de Bencanta, no Instituto de

^b Ilha na costa nordeste dos Estados Unidos da América, Massachusetts.

^c Tratam-se das escolas de surdos onde trabalhámos desde 1999, convivendo pessoalmente com muitas pessoas surdas: Instituto de Surdos Mudos de Bencanta, Fundação Bissaya-Barreto (1999-2004); Universidade Católica Portuguesa, Viseu, desde 2009; ICS/Lisboa, desde 2011. Em junho de 2002, missão de estudo na Stockholms Universitet, patrocinada pela Fundação Bissaya-Barreto, com visitas a várias escolas de surdos.

Ciências da Saúde, nas escolas de Estocolmo e em encontros e reuniões de surdos.

Tal como as comunidades naturais de surdos já referidas, que criaram as suas línguas de sinais espontaneamente, nas escolas de surdos a língua gestual sobrepõe-se sempre a qualquer imposição noutro sentido. William Stokoe¹¹, linguista e professor de Inglês no Gallaudet College, Washington, atualmente Universidade, foi o primeiro a observar que a língua gestual dos seus alunos surdos não era uma simples tradução ou adaptação do Inglês, mas uma língua natural, criada por eles. Mesmo os alunos que ficaram surdos depois de aprender a falar, e que podem falar espontaneamente sem dificuldade, apropriam naturalmente a língua natural dos surdos, que lhes permite comunicar sem limitações.

A observação dos alunos nas suas atividades diárias mostra como comunicam livre e espontaneamente em LGP, mesmo quando passaram longos anos a tentar falar em português, sem sucesso. A sua língua natural é a língua de sinais. As crianças surdas de Estocolmo, 6 anos, encheram-me de perguntas (quem é, o que faz, de onde vem, tem filhos...), revelando uma curiosidade e um desenvolvimento dentro de toda a normalidade; a espontaneidade com que brincavam, jogavam, interagiam e comunicavam as crianças e jovens de Bencanta, sempre em LGP; o entusiasmo e o dinamismo dos adultos surdos do ICS/UCP e a vivacidade da sua participação nas aulas, tudo revela que os surdos, quando crescem e se desenvolvem na sua língua natural, têm comportamentos e atitudes em tudo iguais às dos ouvintes. Vale a pena conhecer mais de perto algumas pessoas surdas dessas comunidades escolares para ver a forma como aderiram à LGP e como vivem identificadas e realizadas nesta língua.

Os surdos formados na LGP

O Tomé e a Clara^d

O Tomé e a Clara sofreram ainda longamente os rituais e tormentos da escola oralista, com os atrasos e insucessos do costume: com 17 e 20 anos, frequentavam ainda o 9.º ano de escolaridade. Conheci-os no ISMB entre 2000 e 2004, no período de transição da escola oralista para a escola gestual, como líderes de uma comunidade de 25 alunos

surdos residentes^e. Foi também, por coincidência, o momento da integração nas escolas regulares, continuando no Internato do ISMB com um vasto programa de atividades em que se incluía a LGP. Um e outro passaram mais de dez anos neste instituto, com o objetivo prioritário de aprender a Língua Portuguesa e com ela fazer o percurso da escolaridade regular. A verdade é que nunca lhes ouvi uma palavra falada. Exímios na LGP “proibida”, nulos na Língua Portuguesa “obrigatória”. A primeira reunião que tivemos, para os auscultar sobre a remodelação do ISMB, foi frustrante. Recusaram terminantemente comunicar na língua falada ou escrita. E todas as reuniões que se seguiram foram em LGP.

Uma atitude muito semelhante à que podemos observar em Sarah, a protagonista surda do filme *Filhos de um deus menor*. Conscientes e orgulhosos da sua língua natural, em que comunicam com a maior eficiência, recusam a língua dos ouvintes, ou por total incapacidade de a falar ou por recusarem a língua em que foram reprimidos e humilhados. Porventura pelas duas razões.

Do convívio com os surdos de Bencanta retirei algumas lições: 1) os surdos aprendem com uma enorme facilidade a Língua Gestual, a sua língua natural, como demonstraram o Tomé e a Clara e como veremos adiante com o Gabriel; 2) a observação desta comunidade e a análise de mais de 600 processos de surdos que os precederam mostram a enorme dificuldade, ou mesmo incapacidade, para aprender uma língua falada pelo ouvido, o único sentido que não têm; 3) numa comunidade surda, a língua falada não existe e isso não impede as pessoas de serem inteligentes, interativas e felizes.

No ICS e nas escolas de Estocolmo pude confirmar tudo isto. O Tomé e a Clara eram surdos profundos congénitos, esbarraram na Língua Portuguesa, mas cresceram com a LGP e revelaram uma inteligência viva e uma enorme capacidade de liderança. A comunidade estava com eles.

O Gabriel

O Gabriel, surdo profundo congénito, viveu com os pais durante os primeiros cinco anos de vida, quase seis. Durante todo este período não aprendeu uma única palavra. Claramente a língua falada dos pais não era a sua língua natural.

^d Os alunos e professores reais aparecem sempre com nomes fictícios.

^e O ISMB chegou a ter cerca de 200 alunos. Este número começou a baixar desde 1974 até à sua extinção.

Entrou no ISMB em setembro de 2003, precisamente o mês em que completava seis anos de idade. Em menos de um ano, de setembro a junho, integrado numa comunidade de surdos, atingiu níveis de proficiência em LGP que lhe permitiram iniciar o primeiro ano de escolaridade. Descobriu o seu “povo” e a sua língua natural. Vale a pena conhecer melhor a sua história de vida e o contexto em que aprendeu a comunicar com os seus pares.

O Gabriel era o único filho de um casal de operários metalúrgicos que residia a 50 quilómetros do Instituto. O diagnóstico da surdez foi tardio, como de costume, por erro médico. “Ou não vê ou não ouve”, dizia a Mãe, mas o médico afirmava que a Mãe estava maluca. “Então não se vê que a criança é perfeitinha!”

Só aos 18 meses se confirmou a surdez e só aos 24 é que teve uma consulta especializada de otorrino, com todos os exames indispensáveis para não ficarem quaisquer dúvidas. E só aos 4 anos é que foi apresentado numa unidade de surdos, que o remeteu para o ISMB. Quanto tempo perdido! Acabou por chegar quase aos 6 anos, sem língua e sem qualquer escolarização.

O Gabriel ia separar-se da Mãe pela primeira vez. O primeiro dia mereceu especial cuidado. A professora, que iria ocupar no ISMB o lugar da Mãe, esperou pelos Pais e pelo Gabriel à entrada da escola, recebeu-os e conversaram longamente, acompanhou-os numa visita explicada às instalações, ganhou tempo para conquistar a confiança do Gabriel antes de os Pais abandonarem a escola, jantou com ele no refeitório, para o familiarizar, acompanhou-o ao dormitório e ficou ali até que adormeceu, no quarto de uma das vigilantes, que já esteve presente ao jantar. Havia uma grande preocupação neste primeiro dia e na primeira noite fora de casa. Nunca ficou sozinho, embora estivesse habituado a essa situação. De facto, os Pais, na empresa, faziam o turno da tarde/noite. Deitavam o Gabriel a meio da tarde e só regressavam pela madrugada. A sua postura mais comum, no início, era estar deitado e foi necessário adaptá-lo ao novo ritmo de vida.

Como todos os outros alunos do internato, o Gabriel ia passar os fins de semana com a família. Saía na sexta-feira ao fim do dia e regressava na segunda, logo pela manhã. Havia uma grande curiosidade em saber como é que o Gabriel reagiria depois do convívio com os Pais e com o seu meio familiar. Curiosamente, no regresso à escola, ainda mal tinha posto os pés no chão e já tinha dito

adeus à Mãe para correr desenfreado para junto dos amigos.

Há aqui dois registos importantes: o primeiro foi a forma como compreendeu a separação da mãe e como aceitou a comunidade dos seus pares. Com eles tinha encontrado as condições de comunicação, com os Pais, não. O sentimento de pertença à comunidade surda sobrepôs-se à comunidade familiar. Emmanuelle Laborit, também ela surda profunda congénita, explica bem este fenómeno.

O outro registo não é menos significativo: quando a Mãe chegava à sexta-feira, tinha todo o entusiasmo em ensinar à Mãe a comunicar em LGP. Sinalizava o que deveriam ser as suas sensações ou satisfações mais fortes. Como referia uma professora, estava ansioso por quebrar a barreira que o separava da Mãe. Isto revela que o Gabriel construiu uma língua e uma identidade, começou a organizar a sua cabeça e o seu posicionamento social, adquiriu outro sentido de vida.

A urgência em preparar a sua entrada no 1.º CEB requereu cuidados especiais, uma espécie de “ano propedêutico” para o seu desenvolvimento linguístico e cognitivo acelerado. Neste “ano propedêutico” beneficiou de dois fatores fundamentais: 1) todos os docentes e auxiliares comunicavam bem em LGP; 2) foi integrado numa comunidade de 25 crianças e jovens surdos que o acolheram como o benjamim da escola. A LGP era a língua de comunicação na comunidade residente e era a língua de ensino e de aprendizagem na escola^f.

No que diz respeito à construção e sistematização da língua e à configuração da sua mente, é gratificante constatar o que uma criança pode construir em menos de um ano em contexto favorável de exposição permanente à língua, apesar da idade e do tempo perdido.

Em menos de um ano, o Gabriel sinalizava perfeitamente com as educadoras e com a comunidade. As suas competências linguísticas atravessavam os campos da comunicação comuns e comportavam pessoas (pai, mãe, professor, aluno, amigo); lugares (meio envolvente, escola, sala, refeitório, bar, campo de jogos); objetos (todos os do dia a dia); localização (à frente, atrás, à direita, à esquerda, por baixo, por cima, longe, perto); formas (redondo, quadrado, triangular); tempo: agora, logo, hoje,

^f Os alunos ouvintes do 1.º CEB tinham aulas de LGP no seu currículo, podendo já estabelecer interações significativas com o Gabriel.

ontem, amanhã, hora, dia); quantidade (objetos e números); cores (todas).

O Gabriel, que de facto foi alvo de todas as atenções, passou a ser tratado como pessoa. Depois de tantos surdos que passaram à margem dessa condição, é gratificante afirmar que um surdo deixou de ser apenas surdo para ter um nome próprio e merecer a estima de todos. Com uma particularidade: o Gabriel ganhou confiança em si próprio. Com a LGP, deixou de ser deficiente.

Concluindo, os surdos educam-se pelos olhos e não pelos ouvidos. Dos órgãos dos sentidos, a visão é o mais importante na relação e conhecimento do mundo que nos rodeia. E é tão vasto e variado o mundo que os surdos têm para conhecer e aprender!

A Catarina

A Catarina, 46 anos, foi minha aluna na licenciatura e no mestrado em Ensino da Língua Gestual Portuguesa, no ICS. Surda profunda congénita, ficou praticamente cega aos 40, com uma visão residual que só se operacionaliza com processos aumentativos. Com as novas tecnologias, consegue ampliar o tamanho das letras de modo a poder ler e escrever. Usa regularmente o *email*, porque combina bem o Braille com a escrita. Fez sempre os seus trabalhos com toda a pontualidade.

Sem ouvir e sem ver, a Catarina participava nas aulas com uma vivacidade e entusiasmo impressionantes, acompanhando a comunicação mãos nas mãos com um ou uma colega, sem que nada lhe escapasse, tal a concentração e interesse. Quando discordava ou entendia acrescentar alguma coisa, levantava-se de braço erguido e expunha os seus pontos de vista. Era combativa e expressiva.

Para além das aulas, comunicámos frequentemente por *email*. Nunca se inibiu para me colocar questões e dúvidas quer para aclarar problemas que a inquietavam, quer sobre os temas que estudávamos, quer sobre as provas de avaliação, que fez regularmente como todos os outros.

Muitas vezes a incitei a estudar uma metodologia para a aprendizagem da LGP e do Braille pelas crianças surdas e cegas. Ninguém como a Catarina para descobrir e apontar o que pode fazer crescer e desenvolver-se uma criança nestas circunstâncias. Um excelente desafio para a tese de mestrado.

Ao observar e conviver com a Catarina muitas vezes me questioneei: A Catarina é deficiente? E sempre repudiei esta ideia. Era surda e cega, mas quem tem este cérebro, esta determinação e energia

e este sentido do rumo a seguir é tudo menos deficiente. Uma inteligência viva e reflexiva, uma experiência única, uma lição de vida para tantos de nós. A LGP, que aprendeu muito antes de cegar e que usa com a maior eficiência, é a sua ponte para o mundo. A sua língua natural.

O Josué

O Josué, 30 anos, é também surdo profundo congénito, frequentou a licenciatura e mestrado em Ensino da LGP no ICS e está a fazer a tese de mestrado. Ao contrário dos surdos profundos congénitos que fui conhecendo, o Josué consegue pensar e falar em Português, o que só foi possível porque a Mãe nunca desistiu, acompanhando-o dia a dia, hora a hora, para o ensinar a falar e a escrever. Entre a Mãe e a Escola, foi possível criar condições para a relação com os ouvintes, embora condicionada por dois fatores: ao nível da expressão, por uma articulação que omite muitas vogais e consoantes surdas; ao nível da receção pelo facto de estar limitado à leitura labial. Sem o conhecimento e a vivência do som, a pronúncia e articulação têm limitações que por vezes requerem um intérprete. Ao nível da leitura e da escrita adquiriu também competências que lhe permitem o acesso a toda a informação, tendo consultado toda a bibliografia que lhe foi recomendada. A sua força, determinação e autoconfiança superaram todas as dificuldades.

Esta relação com a Língua Portuguesa, falada e escrita, não desvaloriza as competências que possui na Língua Gestual Portuguesa, que se tornou a sua língua natural, a que utiliza sem esforço, de forma espontânea e com a maior proficiência. Foi nesta língua que decorreu a sua participação nas aulas e é nesta língua que mantém a sua relação com os surdos. Casado com uma ouvinte igualmente proficiente em LGP, é nesta língua também que se desenvolve a relação familiar.

O Josué pertence às primeiras gerações de surdos que de forma expressiva conseguem chegar ao ensino superior em Portugal e em breve terá concluído um mestrado lecionado em LGP. A sua primeira língua foi a língua da família, a Língua Portuguesa. Mas não foi esta a mola real do seu sucesso. Poderíamos afirmar que o sucesso esteve na descoberta atempada da Língua Gestual Portuguesa, a sua língua de comunicação privilegiada e agora também objeto de estudo e de especialização profissional, como aluno do Mestrado em Ensino da Língua Gestual Portuguesa. Os surdos

pós-linguísticos aderem com entusiasmo à LGP logo que surge a oportunidade.

A Bitá e a Tânia, professoras no ISMB

Merecem também uma observação atenta, duas das professoras que mais nos acompanharam na organização do trabalho numa escola de surdos (ISMB), a Bitá e a Tânia.

A Bitá nasceu ouvinte e é filha de pais surdos profundos. Com os pais aprendeu espontaneamente a língua gestual, com os amigos e companheiros de infância aprendeu a língua falada. É perfeitamente bilingue. Um bom exemplo de que uma criança nascida e criada em ambiente bilingue apropria igualmente as duas línguas do seu meio, sem o menor esforço, por simples interação simultânea com surdos e ouvintes. Nesta idade e em contexto as línguas aprendem-se sem ser ensinadas. Duas línguas maternas simultâneas, um fenómeno hoje frequente. Não surgiu qualquer obstáculo à aprendizagem da língua portuguesa ou da língua gestual. Professora do 1.º CEB, está igualmente apta a trabalhar com crianças surdas ou ouvintes. Lecionou LGP a crianças ouvintes, com grande sucesso.

A Tânia é surda severa, mas nasceu ouvinte. Articula e pronuncia bem as palavras, faz leitura labial com facilidade. Mas a surdez levou-a a optar pela LGP como língua privilegiada de comunicação e a profissionalizar-se no ensino desta língua. Tal como a Bitá, também aprendeu com facilidade as duas línguas, é bilingue, mas não de um bilinguismo simultâneo. Enquanto ouvinte, apropriou bem a língua falada; aos cinco anos, com a surdez, teve de aprender a língua gestual, que lhe abriu novas portas de comunicação e de interação. É professora de LGP, é nesta língua que comunica sem limitações e foi nela que se formou. Sendo professora, desempenha também o papel de intérprete, quando necessário, embora sem formação específica nesta área.

Os surdos no ensino superior

Há umas décadas, os surdos raramente concluíam o ensino primário e mais raramente ainda atingiam o ensino secundário, apesar das condições especiais de que podiam beneficiar.

Na década de 80, Emmanuelle Laborit, ao tomar conhecimento da existência de uma universidade para surdos nos EUA (p. 50), exclamou, entre a surpresa e a emoção, que em França, nesse tempo, os alunos não passavam do ensino primário, admi-

tindo que a universidade para surdos representou a descoberta de um sonho. Em Portugal, como vimos, depois de vários estudos que punham o foco no fracasso escolar dos surdos, Jorge & Ferreira mostravam, já no novo milénio, que o acesso ao ensino superior apresentava ainda uma percentagem mínima de alunos surdos.

A experiência vivida como docente do curso de licenciatura e mestrado em Ensino da LGP permitiu conhecer, trabalhar e conviver com cerca de quatro dezenas de surdos adultos do ensino superior. Este facto, só por si, é revelador de que alguma coisa mudou. Com maior significado, identifiquei três fatores nesta mudança: 1) A admissão dos candidatos foi condicionada ao domínio da LGP; 2) Todo o curso foi lecionado em LGP; 3) Os manuais de apoio a todas as unidades curriculares do curso foram editados em língua portuguesa, mas todos integram um CD com o mesmo conteúdo em LGP. Isto significa que a LGP foi a ponte para o acesso e sucesso da organização e funcionamento do curso. Foi a segunda comunidade escolar em que pude testemunhar a felicidade dos alunos comunicando na sua língua natural.

As experiências vividas em várias comunidades escolares mostram que o desenvolvimento e sucesso dos surdos passam necessariamente pelas línguas gestuais. Atualmente são já várias, como vimos, as instituições de ensino superior que contemplam cursos para alunos surdos, onde se diplomaram licenciados e mestres com habilitação própria para o ensino da LGP. Teve lugar recentemente o doutoramento do primeiro Surdo numa universidade portuguesa⁸, com a apresentação e defesa de uma tese sobre uma temática do maior interesse para a educação dos surdos.

O sucesso dos surdos no ensino superior, inclusivamente ao mais alto nível dos graus académicos de mestrado e doutoramento, mostra dois factos indelmentáveis: (1) os surdos são herdeiros da aptidão para a linguagem e a comunicação tal como os ouvintes, podendo desenvolver-se ao mesmo nível; (2) foi a emergência das línguas gestuais, ou de sinais, que operou este milagre, dando aos surdos uma língua natural dirigida à visão. Como refere Orquídea Coelho (p. 21), “a Língua Gestual anula a deficiência e permite que os surdos constituam

⁸ Universidade do Porto, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação: Jorge Manuel Ferreira Pinto apresentou e defendeu a tese intitulada “O *signwriting* como um sistema de escrita apropriado às línguas gestuais. Um contributo para o desenvolvimento de competências de escrita do aluno surdo?”

uma comunidade linguística minoritária diferente e não um desvio da normalidade. El-Sayed mostra que a surdez não é uma incapacidade. Os surdos comunicam e nem sabem o que é a surdez. Não há memória, acrescenta Coelho (p. 56), de uma deficiência tão grave, superada pela criação de uma língua.

Profissionais surdos de sucesso

“As pessoas surdas podem fazer tudo, menos ouvir.”¹² Esta é a frase de apresentação de um PowerPoint publicado na net pelo Presidente da Universidade Gallaudet, com um levantamento exaustivo de pessoas surdas, devidamente identificadas e fotografadas, que desempenham as mais variadas profissões de prestígio, em grande parte só acessíveis a graus acadêmicos de alto nível.

A Universidade Gallaudet teve origem numa instituição inaugurada em 1857 para acolher crianças surdas e cegas, autorizada em 1864 pelo Congresso a conferir títulos universitários. Em 1954 tomou o nome de *Gallaudet College*, em homenagem ao fundador da educação para surdos nos EUA, Thomas Hopkins Gallaudet, mais uma vez por decisão do Congresso. Em 1986 foi declarada *Gallaudet University* e tem atualmente cerca de 2000 alunos. Se aqui cito estes dados e sobretudo estas datas^h, é para mostrar que a primeira universidade para surdos em todo o mundo já tem um longo historial de formação de pessoas surdas a nível superior e já pôde mostrar ao mundo que os surdos “podem fazer tudo, menos ouvir”. A educação de surdos na sua língua confere-lhes as mesmas oportunidades que têm os ouvintes nas suas escolas. Seguindo o PowerPoint editado por Jordan, podemos ver uma espécie de edital onde se apresentam surdos como profissionais numa enorme profusão de carreiras: advogados e procuradores na área do direito (DeafLoyers.org; Deafga.org), Médicos, Veterinários, Dentistas e Enfermeiras na área da saúde (The Association of Medical Professionals With Hearing Losses, <https://amphl.org/>), cientistas, com um vasto número de obras publicadas, pilotos e astronautas, padres e ministros da Igreja, bombeiros e técnicos de emergência médica (EMT), agentes do FBI, atores, atrizes, comediantes e malabaristas, músicos, insisto, músicos, artistas, autores, poetas,

empresários. A lista continua, sempre abonada por pessoas surdas reais, devidamente identificadas.

O PowerPoint de Jordan e a sua Universidade comprovam as plenas capacidades dos surdos. Se entre nós ainda não atingimos este nível é porque começamos mais tarde mas, ao que tudo indica, abrem-se agora portas que até aqui estavam bem fechadas. O pilar fundamental desta mudança nos EUA foi a ASL, Língua Gestual Americana, a língua da Universidade Gallaudet. Esta ponte já existe também em Portugal.

Deaftopia: o “paraíso” da utopia surda

“A minha pátria é a língua portuguesa”
Fernando Pessoa

Em 1516, Thomas More publicou uma obra intitulada *Utopia*¹³. Trata-se de uma obra de ficção e de filosofia política, que o autor situa numa ilha, onde concebe uma sociedade mais justa e mais igualitária, “um estado melhor para a república”, como alternativa à sociedade de Londres onde nasceu (1478) e cresceu, uma sociedade onde “primeiro se fazem os ladrões para depois os punir”ⁱ. Configurando um modelo de “comunismo primitivo”, é uma visão do mundo sem propriedade, sem dinheiro, onde todos vivem bem, de forma comunitária, sem guerras nem invejas. Todos têm o que precisam. Não há pobres, não há miséria, não há mendigos, não há ladrões. O título é adequado, trata-se de uma verdadeira *utopia*. Que o tempo não fez esquecer!

Os surdos também têm a sua utopia. A palavra *Deaftopia*, em português “a utopia dos surdos”, surgiu recentemente na literatura da especialidade, para traduzir o que no imaginário de alguns seria a “pátria” dos surdos, a sua *homeland*. Esta parece ser a ideia central do primeiro romance escrito nos EUA por um escritor surdo e tendo como protagonista um surdo. Trata-se da obra *ISLAY*^j, de Douglas Bullard¹⁴, com uma primeira edição em 1986, e reeditada em 2013, em Washington, DC, pela Gallaudet University Press. E não será por acaso.

Trata-se de uma narrativa cómica, burlesca, que deixou algumas dúvidas e desconfianças na comunidade surda, que nem sempre se viu bem na

^h Recolhidos in https://pt.wikipedia.org/wiki/Universidade_Gallaudet (2015-11-23).

ⁱ “... you first make thieves and then punish them”.

^j O título poderá ser um anagrama de I Love You (ILY) e American Sign Language (ASL). Islay é uma ilha na narrativa, podendo o seu nome derivar da palavra Island. Uma ilha imaginária como a de Thomas More. Há uma ilha escocesa com o mesmo nome.

caricatura. Os surdos estão espalhados por todo o país e não têm um centro geográfico. Daí o sonho de Bullard e da comunidade surda de criar uma pátria, uma ilha, uma cidade onde não tivessem de deixar a família para adquirir uma identidade. Os surdos sentem-se “em casa” quando se encontram numa escola, num festival, numa festa. Por isso o seu sonho é encontrar uma pátria, um território autónomo dos surdos americanos. Uma fantasia universal. Paraphrasing Pessoa, a ASL é a sua pátria.

A narrativa de Bullard não é a única utopia concebida como pátria dos surdos. Esta é uma ideia recorrente que parece ganhar forma desde 1800, passando por tentativas reais de criar a “cidade dos surdos”. A 21 de março de 2005, Mónica Davey¹⁵ publicou no *New York Times* uma reportagem a que deu o título sugestivo, que traduzimos, “À medida que a cidade para os surdos ganha forma regressa o debate sobre o isolamento”. O essencial da reportagem é um projeto de criação de uma cidade para surdos, *Laurent*, em homenagem a Laurent Clerc^k, concebida para cerca de cem famílias. O impulsor e empresário foi o surdo americano Marvin T. Miller, em parceria com a sua sogra, ouvinte, M. E. Barwacz. Miller comprou o terreno em Dakota do Sul para acomodar no mínimo 2500 pessoas. Uma cidade imersa na ASL, a língua gestual americana, visando sobretudo surdos profundos e severos, mas podendo abrir-se a ouvintes convertidos à ASL. “Não estamos a construir uma cidade para surdos, mas para pessoas que comunicam na Língua Gestual Americana (ASL)”, afirmava a senhora Barwacz, que tencionava vir a habitar esta cidade.

Ao contrário de outras comunidades de surdos, como Martha’s Vineyard, que nasceram espontaneamente, esta é a primeira cidade expressamente criada para pessoas surdas, afirmava Miller, um lugar concebido para afirmar a cultura surda e a sociedade surda. Estamos a construir uma cidade para utilizadores da ASL e a maior comunidade que pretendemos atrair é a de pais ouvintes de crianças surdas.

Este projeto, que envolveu empresários, projetistas e futuros moradores, acabou por fracassar, no meio de alguma controvérsia e de dificuldades de vária ordem. Mas a utopia, o ideal, esse vive sempre no espírito de muitos surdos e traduz-se em breves palavras: a emergência das línguas gestuais como

línguas naturais dos surdos e a crónica dependência na sociedade dos ouvintes. A minoria surda tem direitos que a maioria ouvinte nem sempre respeita. Os surdos têm de ter o seu espaço e esse parece consubstanciar-se na Língua Gestual.

Socorro-me de Inês Pedrosa, enquanto diretora da Casa Fernando Pessoa:

«A minha pátria é a língua portuguesa», escreveu, profeticamente, Fernando Pessoa. (O Poeta) ... sabia que cada língua tem a sua cor, a sua luz e a sua música própria. Cada língua tem dons expressivos próprios. A primeira originalidade de Fernando Pessoa foi essa: a de se entregar ilimitadamente à sua língua, sem complexos de mando nem de escravo...»¹

Este será o sentimento dos surdos em relação à sua língua, entre nós a Língua Gestual Portuguesa. Aqueles que nela nascem e crescem, que com ela desenvolvem a sua mente e a sua cultura, nela percorrem toda a escolaridade e nela aprendem a ser cidadãos ativos e participativos, certamente encontraram aí a sua *pátria*, a sua *homeland*, a sua utopia.

A escola na “Pátria dos surdos”

A pátria dos Surdos é a língua gestual. Os surdos anteriores às línguas de sinais não foram felizes. A história antiga e a experiência mais recente não deixam dúvidas. O Chico Mouco e a Maria José ficaram à margem do seu mundo, foram excluídos pelos seus pares. As crianças de hoje ainda educadas na língua falada não são felizes porque não vivem na sua pátria.

As comunidades naturais de surdos não criaram línguas faladas, souberam criar as suas línguas de sinais. As comunidades escolares de surdos rejeitaram a língua “obrigatória” e criaram línguas gestuais, mesmo “proibidas”. Os surdos de sucesso, na escola e na carreira profissional, subiram os degraus nas línguas gestuais.

Uma escola de ouvintes, em qualquer país, assenta a sua organização na língua oficial desse país ou região. Em Portugal a escola tem como língua oficial a Língua Portuguesa, todo o ensino é ministrado em português, a língua dos alunos, todos os professores e profissionais da escola falam português, todos os serviços estão assegurados em português.

^k Laurent Clerc (1785-1869), professor e pedagogo francês, que acompanhou Gallaudet para ensinar a língua de sinais aos surdos americanos.

¹ Site <http://casafernandopessoa.cm-lisboa.pt/index.php?id=2233>.

A escola dos surdos deverá ser pensada exatamente da mesma maneira: a LGP deve ser a língua de ensino em todas as disciplinas, todos os docentes e todos os profissionais devem ser proficientes em LGP, todos os serviços devem estar disponíveis em LGP.

Em termos gerais, este é o modelo seguido na Suécia, o primeiro país a reconhecer a língua de sinais (SSL)^m. Neste país, as crianças surdas são diagnosticadas à nascença, os pais ouvintes têm de imediato cursos gratuitos de língua gestual para poderem comunicar com os filhos, os bebês surdos têm berçário e creche em língua gestualⁿ.

A primeira preocupação é integrar as crianças desde que nascem, ou o mais cedo possível, em comunidades de língua gestual. A linguagem e a comunicação ganham forma com a idade da marcha e o seu desenvolvimento cognitivo será tanto maior quanto mais cedo começar.

Em Portugal, as atuais *escolas de referência*, criadas a partir de 1997 na sequência do reconhecimento da LGP como língua da comunidade surda pela Constituição da República^o, já deram os primeiros frutos e começamos a ter um número crescente de surdos escolarizados e atingindo níveis crescentes de escolaridade. As *escolas de referência* representam um avanço muito grande, primeiro por criarem comunidades de surdos que comunicam livremente, segundo por reconhecerem e proporcionarem a aprendizagem da LGP.

Mas subsistem problemas graves: 1) as crianças não são diagnosticadas à nascença e chegam ainda à escola sem língua e sem uma mente organizada, como aconteceu com o Gabriel e podemos confirmar no testemunho de Emanuelle Laborit^p; 2)

sem diagnóstico precoce, não existe nenhum tipo de apoio aos pais de crianças surdas na primeira infância; 3) uma boa parte do território nacional não tem a cobertura das escolas de referência, deixando muitos surdos de fora; 4) as escolas de referência não contemplam as crianças antes dos três anos, não abrangidas pela escolaridade obrigatória; 5) algumas escolas de referência não implementam a disciplina de LGP, alegadamente por não disporem de docentes especializados; 6) ainda não foi criado o quadro de docência da LGP e os chamados técnicos de LGP são colocados tardiamente, quando existem; 7) todas as disciplinas do currículo, exceto a LGP, são lecionadas em português, quase sempre sem intérprete; 8) os programas dos surdos foram pensados para os ouvintes, sem qualquer adaptação à sua especificidade sensorial, exceto o de LGP e o de Língua Portuguesa como Língua Segunda de Alunos Surdos. Numa palavra, a escola de surdos está ainda longe de assegurar a igualdade de oportunidades, prevista na lei, mas ainda não cumprida. O caminho já percorrido é uma pequena parte do caminho a percorrer.

A necessidade imperiosa da LGP nos primeiros meses e anos de vida e o seu papel como ponte para o sucesso escolar e académico não retira nem o lugar, nem o papel que a Língua Portuguesa deve continuar a ter para os surdos. O modelo bilingue consagrado na legislação é, no contexto atual, o caminho seguro, assente na LGP como língua natural dos surdos, logo a primeira língua, e a Língua Portuguesa Escrita^q como segunda língua. São duas línguas visuais, logo acessíveis aos surdos. Os surdos interagem com duas comunidades – surdos e ouvintes – logo têm de ser bilingues. E têm de dispor de uma língua escrita, repositório científico e cultural da humanidade. A investigação tem dado passos importantes na criação de um sistema de representação gráfica, de uma “escrita” das línguas de sinais¹⁶.

Importa por isso repensar o modelo organizacional da escola de surdos, a rede de escolas de surdos

^m Swedish Sign Language.

ⁿ O próprio hospital/maternidade de Estocolmo dispõe de instalações e serviços de acolhimento de crianças surdas antes da idade da marcha, que podem ser acompanhadas pelos pais. As crianças, no chão, numa aparente desordem, sentam-se, gatinham, deitam-se, seguidas de perto pelas educadoras. Difícil fixar o olhar, mas quando param e fixam têm à espera o sinal que as inicia na SSL. Antes mesmo dos 12 meses começam a gestualizar.

^o Lei n.º 1/97, 1.ª Série-A, n.º 218, de 20/09/1997, art. 74.º, alínea b). O Despacho n.º 7520/98 (2.ª série), de 6 de maio, criou as unidades de apoio à educação de crianças e jovens surdos nos estabelecimentos públicos do ensino básico e secundário; o Decreto-Lei n.º 3/2008, de 7 de janeiro, substituiu as unidades de apoio pelas Escolas de Referência para a Educação Bilingue de Alunos Surdos.

^p “Aquele língua gestual caiu-me em cima de forma súbita, só ma deram aos sete anos, preciso de me organizar, de fazer uma triagem de todas as informações que vão surgindo...

A partir do momento em que se pode dizer com as mãos, numa linguagem académica e construída: ‘Chamo-me Emmanuelle. Tenho fome. A minha mãe está em casa, o meu pai está comigo. O meu colega chama-se Júlio, o meu gato chama-se Bobine...’ A partir desse momento, tornamo-nos um ser humano comunicante, capaz de se construir. A pouco e pouco, arrumei as coisas na minha cabeça e comecei a construir um pensamento, uma reflexão organizada”.

^q Sempre que possível, também falada. As condições concretas nem sempre o permitem. Mas é possível, como se viu com o Josué, e é positivo que a lei o refira.

que assegure a cobertura a nível nacional, sem deixar ninguém de fora, a formação de professores de alunos surdos em todas as áreas disciplinares, e não apenas em LGP, a formação em LGP de todos os profissionais das escolas de surdos, a criação do quadro de professores de LGP, assegurando que as aulas dos surdos comecem no início do ano letivo.

Importa também rever os programas, na ótica dos alunos surdos. Os surdos inserem-se numa cultura da visão, com tudo o que isso implica ao nível da leitura e compreensão do mundo e das suas competências específicas de ação e realização em que podem ser mais dotados que os ouvintes. Com a sua particular acuidade visual, os surdos veem o que os ouvintes nem sempre conseguem ver. Os programas curriculares dos alunos surdos deveriam todos ser reelaborados tendo em vista as suas características sensoriais, não para obedecer a facilitismos que os surdos não precisam, mas para os adaptar às suas competências e capacidades próprias, suficientes para elevar os surdos aos mais altos níveis de sucesso como pessoas e cidadãos, como académicos e como profissionais. A inclusão dos surdos já começou e já deu frutos. Mas está ainda no início.

Conclusões

A exclusão dos surdos não é um fenómeno universal nem na história nem na geografia. Sofreram de isolamento e de exclusão os surdos que não tiveram língua para comunicar e interagir com os seus pares. Mesmo os surdos que nasceram ouvintes e aprenderam a falar, como o Chico Mouco e a Zezita, ficaram solteiros devido à surdez adquirida.

Os povos surdos que construíram as suas línguas de sinais, como Martha's Vineyard ou El-Sayed, viveram dentro de toda a normalidade, muitas vezes sem ter consciência do que é a surdez. Com as suas línguas de sinais e a sua cultura específica, souberam construir sociedades comunicativas, interativas e participativas, sem o isolamento e a exclusão dos surdos.

A emergência das línguas de sinais, a partir da década de sessenta do século xx, permitiu aos surdos o normal desenvolvimento linguístico e cognitivo, a integração nos seus grupos de pertença e a criação de uma escola na sua língua natural e na sua cultura. As línguas de sinais operaram o milagre da salvação dos surdos, transformando deficientes auditivos em pessoas normais.

O caso do Gabriel exemplifica bem a diferença entre uma língua natural e uma língua que não o é. Em seis anos de exposição à língua falada dos pais não aprendeu uma única palavra; em menos de um ano de exposição à LGP, descobriu a sua identidade, descobriu o seu “povo” e encontrou a alegria de viver. A escola da LGP operou o “milagre”.

As línguas de sinais guindaram os surdos aos mais elevados títulos académicos anteriormente inacessíveis, permitindo-lhes aceder a profissões altamente prestigiadas e a cargos de alta responsabilidade. Para os surdos, as línguas gestuais são uma necessidade imperiosa. Para os ouvintes são um potencial ainda por explorar, sobretudo no vasto mundo das perturbações da linguagem, em grande parte ainda desconhecido.

Referências

1. Baptista J. *Os surdos na escola. A exclusão pela inclusão*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão; 2008.
2. Lane H. *A Máscara da Benevolência. A Comunidade Surda Amordaçada*. Lisboa: Instituto Piaget; 1992.
3. Melo A, Moreno C, Amaral I, Silva M, Martins M. *A criança deficiente auditiva. Situação Educativa em Portugal*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; 1986.
4. Baptista M. *Compreensão sintáctica do discurso oral em crianças surdas pré-linguísticas com implantes cocleares*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa; 2004.
5. Laborit E. *O Grito da gaivota. Biografia de uma surda profunda, do berço ao êxito nos palcos do teatro francês*. Lisboa: Caminho; 2000.
6. Jorge A, Ferreira J. Transição de alunos surdos para o ensino superior. In: *Revista Portuguesa de Pedagogia*. 2007; 41-3.
7. Groce N. *Everyone here spoke sign language: hereditary deafness on Martha's Vineyard*. Cambridge, Massachusetts and London: Harvard University Press; 1985.
8. Sacks O. *Vendo vozes: uma jornada pelo mundo dos surdos*. Rio de Janeiro: Imago; 1989.
9. Sandler W, Aronoff M, Padden C, Meir I. *Language emergence. Al-Sayyid Bedouin Sign Language*. In: Sindell J, Kockelman P, Enfield N, eds. *The Cambridge handbook of linguistic anthropology*. Cambridge: Cambridge University Press; 2014. pp. 250-284.
10. Coelho O. (Org). *Um copo vazio está cheio de ar. Assim é a surdez*. Porto: Livpsic; 2010.
11. Stokoe W. *Sign Language Structure – The First Linguistic Analysis of American Sign Language*. Silver Spring, MD: Linstok Press; 1978.
12. Jordan I. Can Do Careers for Deaf People. Deaf people can do anything, except hear. <http://www.educ.kent.edu/fundedprojects/tspt/unixamples/Can%2520Do%2520Careers-9-05-05.ppt>
13. More T. *Utopia*. Planet PDF, <http://www.planetpdf.com>.
14. Bullard D. *ISLAY*. Washington, DC: Gallaudet University Press; 2013.
15. Davey M. As Town for Deaf Takes Shape, Debate on Isolation Re-emerges. U.S. International: *New York Times*, 2005-03-21. http://www.nytimes.com/2005/03/21/national/21deaf.html?_r=0
16. Stumpf M. *Escrita das Línguas Gestuais*. Lisboa: Universidade Católica Editora; 2011 (com adaptação para LGP).